

AS FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS E SEU ESPAÇO NA MIGRAÇÃO: ANÁLISE DE MIGRANTES BRASILEIROS NA ALEMANHA¹

Isabel Hirt da Silva², Gláucia de Oliveira Assis³, Laís Martendal⁴

1 Vinculado ao projeto “Famílias Transnacionais: gênero e educação”

2 Acadêmico (a) do Curso de História – FAED – Bolsista PIBIC/CNPq

3 Orientador, Departamento de Pedagogia – FAED – glaucia.assis@udesc.com

4 Acadêmico do Curso de História – FAED

Esse artigo faz parte do projeto “Famílias transnacionais: gênero e educação”, realizado pela professora Dra. Gláucia de Oliveira Assis. A partir dessa temática, estudamos mulheres brasileiras que migraram para a Alemanha e quais seus motivos para fazer essa escolha, relacionando sua antiga vida no Brasil com as condições encontradas no país germânico. Ademais, ao analisarmos seus cotidianos, buscamos entender as questões de gênero que as cercam e como elas se adaptam a isso, levando em conta os preconceitos existentes por serem mulheres latinas, e, também, observamos seus projetos educacionais e os meios para conquistá-los, sejam eles somente o curso de alemão ou se buscam se inserir mais no sistema educacional da Alemanha – procurando pelo ensino superior ou alguma especialização que permitisse se inserir no mercado de trabalho.

As famílias transnacionais representam um elemento importante quando se fala de migração, porque – na maioria dos casos que estudamos de migração para a Alemanha – apesar de algumas pessoas migrarem sozinhas, elas continuam possuindo uma família no país de origem. Partindo da percepção de família como uma construção social que envolve relações de dependência afetivas, social e econômica entre pessoas que se unem por laços de parentesco e afinidade (Bilac, 1992), procuramos nesse artigo ampliar as noções de família para além das fronteiras do Estado nação. As famílias transnacionais constroem esses laços num campo de relações sociais que envolve os que partiram e os que ficaram em relações afetivas, culturais, religiosas, de dependência econômica que se traduzem em trocas materiais e simbólicas através das fronteiras entre um ou mais países. Dessa forma, o fenômeno abordado nesse artigo traz considerações importantes para elaborarmos uma construção da imagem do migrante durante seu processo migratório, de modo que a família é compreendida como uma estrutura base na vida de todos os indivíduos. Portanto, por meio das entrevistas realizadas e das referências lidas, iremos trabalhar como essas relações funcionam e quais os principais problemas e dificuldades encontrados para mantê-las vivas, sendo que pode haver situações que muitas vezes atrapalham esse vínculo.

O objetivo dessa pesquisa também é mostrar a frequente busca das mulheres pela migração, nesse caso, para a Alemanha, porque apesar de não existirem muitos estudos sobre a migração feminina, essa é talvez mais frequente que a masculina. Além disso, é muito interessante pensar na Alemanha como um país de imigração sendo que sempre fora vista como de emigração – mas hoje, é um dos principais países com migrante na Europa (LOCH, 2014). Essa concepção só foi se alterando após a Segunda Guerra Mundial, quando a nação precisou de mão de obra para a reconstrução do que havia sido destruído durante a guerra e para a recuperação econômica do país – nesse viés, muitos migrantes turcos e suas famílias passaram a

integrar a população alemã, o que não foi – e continua não sendo – um processo fácil, devido aos preconceitos contra os imigrados (GREEN, 2013).

Entretanto, apesar de os turcos terem migrado com boa parte de suas famílias na metade do século XX, atualmente muitas pessoas migram sozinhas ou se migram com mais pessoas, deixam uma boa parte de sua família no país de origem – e, esse intercâmbio familiar entre dois países, é um conceito chamado de “famílias transnacionais”. Essa relação se mantém mais facilmente nos dias atuais devido às facilidades encontradas no mundo moderno, os contatos são mantidos por WhatsApp, videochamadas e visitas regulares ao Brasil, mas ela existe há tempo e colaboram para a manutenção tanto da família que “ficou para trás”, quanto do migrante em seu novo lar, seja essa colaboração financeira ou emocional. Assim, explorar esse vínculo pode nos oferecer novas chaves para compreender a permanência ou não do imigrante no país em que ele busca se estabelecer.

Inicialmente, o plano para obter os resultados era realizar um trabalho de campo de pesquisa etnográfica na Alemanha e, finalmente, fazê-lo com os imigrantes que retornavam ao Brasil. No entanto, com a pandemia de coronavírus, este trabalho foi ajustado para que todos os envolvidos no projeto não tenham riscos à saúde. Para isso, contamos com a utilização de ferramentas online para entrar em contato com as pessoas que programamos. Dessa forma, realizamos entrevistas pelo Google Meets ou no zoom – feitas pela professora Dra. Gláucia de Oliveira Assis –, que foram gravadas e depois transcritas, mantendo o anonimato dos entrevistados para usos futuros. Além disso, trabalhamos com textos já referentes à migração para a Alemanha e a famílias transnacionais para complementar nossa pesquisa e nossas interpretações. Os resultados indicam que a migração para a Alemanha tem uma participação significativa de mulheres. Nas entrevistas realizadas constatou-se um perfil distinto das pesquisas realizadas por Furstenau, encontramos um perfil de migrantes de camadas medias, que migrou diretamente para estudar, não passando pela experiências de Au Pair e algumas delas se casaram com alemães e estão vivenciando nesse momento a experiência de terem os filhos no sistema educacional alemão, o que impacta no projeto migratório.

Palavras-chave: Famílias transnacionais. Migração. Alemanha.